



JAQUELINE ALVES DE ASSIS

**O COMPORTAMENTO DE HOMENS GAYS E BISEXUAIS E
A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE DA DANÇA**

LAVRAS – MG

2023

JAQUELINE ALVES DE ASSIS

**O COMPORTAMENTO DE HOMENS GAYS E BISSEXUAIS E A INFLUÊNCIA DO
AMBIENTE DA DANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte
das exigências do Curso de Graduação em
Educação Física, para a obtenção do título de
Bacharel.

PROF. DRA. MICHELLE ALINE BARRETO

Orientadora

PROF. ADRIELLE CAROLINE RIBEIRO LOPES

Coorientadora

LAVRAS – MG

2023

RESUMO

A dança sempre esteve presente nas manifestações da cultura corporal de movimento do homem, da pré-história aos dias atuais, seja como modo de comunicação, celebração ou cunho religioso. Por estar inserida no meio social, essa também passou por modificações ao longo dos anos e, com a reestruturação das relações sociais, passou a estar atrelada às condições de gênero e sexualidade. Considerando essas condições no ambiente da dança, além das questões que permeiam uma sociedade heteronormativa, foi realizada uma pesquisa qualitativa com oito homens gays ou bissexuais assumidos que já participaram das aulas de dança individual do projeto Incorpore, na Universidade Federal de Lavras. O objetivo do estudo foi analisar se o ambiente da dança influencia ou não no comportamento desses indivíduos, por meio da realização de uma entrevista semiestruturada, interpretada pela análise do discurso. A partir de questões relacionadas aos sentimentos nas aulas, liberdade de expressão, socialização, comportamento, preconceito, modelo de masculinidade e influência na orientação sexual, foi possível observar que o ambiente das aulas de dança pode ser interessante a homens gays e bissexuais, nos aspectos sentimentais, de liberdade, construção de relações sociais, além da fuga do preconceito e das amarras heteronormativas existentes na sociedade.

Palavras-chave: Comportamento. Dança. Heteronormatividade. Liberdade de Expressão. Preconceito. Sexualidade. Socialização.

ABSTRACT

Dance has always been present in the manifestations of man's body culture of movement, from prehistory to the present day, whether as a means of communication, celebration or religious. As it is inserted in the social environment, it has also gone through changes over the years and, with the restructuring of social relations, it has become linked to gender and sexuality conditions. Considering these conditions in the dance environment, in addition to the questions that permeate a heteronormative society, a qualitative research was conducted with eight openly gay or bisexual men who have already participated in the individual dance classes of the Incorporate project, at the Federal University of Lavras. The aim of the study was to analyze whether or not the dance environment influences the behavior of these individuals, through a semi-structured interview, interpreted by discourse analysis. From questions related to feelings in classes, freedom of expression, socialization, behavior, prejudice, manliness model and influence on sexual orientation, it was possible to observe that the environment of dance classes can be interesting for gay and bisexual men, in the sentimental aspects, freedom, building social relationships, in addition to escaping prejudice and the heteronormative bonds existing in society.

Keywords: Behavior. Dance. Heteronormativity. Freedom of Expression. Prejudice. Sexuality. Socialization.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, Marihuss e Odorêncio, por todo suporte, confiança, amor e paciência que depositaram em mim durante todo o percurso dessa graduação, assim também como meu irmão Luiz André, que sempre esteve presente quando eu precisei.

Agradeço aos meus amigos, aos que já estavam em minha vida antes e aos que encontrei durante o caminho, principalmente aos da Engenharia de Alimentos, Biologia, e claro Educação Física, com um foco especial a Júlia, ao pessoal do Centro Acadêmico de Educação Física – Gestão Mestre Moa do Katendê e as minhas parceiras Letícia, Bianca e Marina.

A minha orientadora e coorientadora, por terem aceitado o desafio de me auxiliarem nessa pesquisa, me passando toda calma e conhecimento necessário no momento, além dos demais docentes do departamento.

A toda comunidade LGBTQIA+ e a comunidade da dança, que sempre estiveram presentes em minha vida.

E o agradecimento mais importante a Deus, pois nos momentos em que estive mais perdida foi nele em que me apoiei para continuar tendo forças para prosseguir.

A todos, meus mais sinceros, muito obrigada!

“Viver é dançar conforme o caos.”

(Zack Magiezi)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	REFERENCIAL TEÓRICO	8
	2.1 Percurso da dança.....	8
	2.2 Homens na dança: gênero e sexualidade	11
3	JUSTIFICATIVA	13
4	OBJETIVOS	13
	4.1 Objetivo Geral.....	13
	4.2 Objetivos específicos	13
5	METODOLOGIA	13
	5.1 Tipo de pesquisa.....	13
	5.2 Critérios éticos.....	14
	5.3 Critérios de inclusão e exclusão da pesquisa	14
	5.4 Sujeitos da pesquisa	14
	5.5 Coleta de dados	15
	5.6 Análise de dados.....	15
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	15
7	CONCLUSÕES	23
	REFERÊNCIAS	25
	APÊNDICE 1	28
	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE	28
	APÊNDICE 2	30
	Roteiro de entrevista semiestruturada	30

1 INTRODUÇÃO

A dança sempre foi uma manifestação presente na vida do homem, desde os primórdios da pré-história. Seja como meio de comunicação, de cunho religioso, de rituais, de cultos ou celebrativos, ela sempre esteve de alguma forma ligada às manifestações sociais existentes (MAGALHÃES, 2005; FARO, 1986; GUSSO, 1997).

Perpassando por várias épocas e civilizações, tendo seu auge e também seu declínio, a dança sempre se mostrou como algo que renasce na cultura. Partindo dos guetos e chegando aos salões das cortes, sendo marca da elite e impulsionada por nomes como o de Luís XIV (SANTOS; ALMEIDA, 2006; GUSSO, 1997). Apesar disso, após a Revolução Industrial, havendo uma reestruturação das relações sociais, a dança, entre outras práticas sociais, passa a estar relacionada não somente a cultura corporal de movimento, mas também às condições de gênero e sexualidade (SANTOS et al., 2015).

Sendo assim, a dança que antes era uma representação de masculinidade, passa a estar associada ao feminino, fazendo com que homens que estivessem inseridos nesse meio tivessem tanto o seu gênero quanto a sua orientação sexual questionados por um meio heteronormativo (ANDREOLI, 2010; SANTOS et al., 2015). É válido ressaltar que a questão de gênero está ligada a uma construção social e cultural que caracteriza os corpos e seus comportamentos, já a orientação sexual está associada à questão afetivo-sexual (ANDREOLI, 2010; PEREIRA; LEITE, 2019; GOMES, 2021).

Considerando os aspectos acima descritos, procurou-se saber se o ambiente da dança pode influenciar no comportamento de homens gays ou bissexuais, praticantes de modalidades individuais, refletindo sobre um contexto de vivência em uma sociedade heteronormativa. A hipótese é de que o homem não hétero possa vir a encontrar no ambiente da dança uma maneira de se expressar de forma a não se preocupar com as concepções heterossociais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Percurso da dança

É difícil elucidar com certeza a primeira vez em que o homem dançou, porém há registros datando de 14.000 anos atrás podendo fazer referência aos primeiros movimentos de expressão corporal (MAGALHÃES, 2005). Sendo assim, na pré-história o homem primitivo

já dava indícios do uso da dança como forma de manifestações, segundo o raciocínio da ciência da arqueologia, seriam essas manifestações de cunho religioso, relacionando assim que a dança teria surgido da religião ou até mesmo junto com ela (FARO, 1986).

Segundo Gusso (1997), o homem primitivo teria criado e usado de movimentos corporais para contatar seus semelhantes antes mesmo da linguagem oral, sendo possível a socialização e desenvolvimento dos mesmos, como formas de celebrações e de seu auto entendimento, fazendo com que essa forma de expressão marcasse a humanidade ao longo do tempo. Autores como Faro (1986), Gusso (1997) e Magalhães (2005) procuraram elucidar o motivo que levava os homens a dançarem em suas épocas e sociedades, podendo perceber em seus relatos uma forte ligação da dança com o plano religioso, de culto e de rituais.

Magalhães (2005) coloca que o homem Paleolítico, que vivia em função da caça e dos animais, usava sua dança se referindo a eles. Já no período Neolítico, o homem agora sendo produtor e não mais caçador, além dos movimentos migratórios, reproduz a dança como algo cerimonial e não mais ritual. No Egito Antigo a dança apresentava movimentos severos, acrobáticos e com saltos, que além de ter vínculo com cultos, era de divertimento dos aristocratas, enquanto que os hebreus também dançavam com um significado religioso e de fé, mas não eram permitidos de representar essas figuras dançantes em seus escritos, não transformando a dança em uma arte (GUSSO, 1997).

Se de um lado temos os hebreus que não agregaram tanto com referenciais de estudo na dança, do outro temos os gregos, que de acordo com Gusso (1997), foi a civilização que mais nos abasteceu de referencial para estudo nesse tema. Na Grécia a dança fazia parte do cotidiano dos homens que ali viviam, desde ritos religiosos e cerimônias cívicas, até a educação de crianças e treinamento militar (MAGALHÃES, 2005). É válido lembrar que os Deuses eram constantemente invocados nas mais diversas situações e ocasiões nessa civilização e era utilizada a dança para esse fim (FARO, 1986).

Em Roma, já República, com influência dos Helenos, a dança perde seu intuito religioso, afastando dos atos sagrados e passa a ter um valor mais recreativo, segundo Magalhães (2005), e é nesse período que começa o declínio da dança. Esse declínio ocorre na Idade Média, quando se tem a visão colocada pelo cristianismo de que o corpo seria impuro e gerador de pecados, impedindo que o homem fosse para o céu, criando assim uma imagem da dança como algo obscuro (GUSSO, 1997).

Ao final desse período da Idade Média, ainda segundo Gusso (1997), começa um processo de mudança, onde a dança seria transportada do gueto para as sociedades

conservadoras da época, tendo um “renascimento cultural”, que veio de fato acontecer na Itália, no século XV, levando a dança para as cortes e salões.

Popularizada entre a classe burguesa e partindo da Itália para França, a dança torna-se um sinal de *status* e divide-se entre danças populares, da corte ou *balletos*, sendo este último uma marca da elite (SANTOS; ALMEIDA, 2006). A dança seguiu sendo cada vez mais impulsionada, principalmente por nomes como o de Luís XIV, oferecendo espaço para a profissionalização da mesma (GUSSO, 1997).

Chegada a época do chamado balé romântico, apresentada por Faro (1986) como uma das mais importantes da dança, tendo grande influência da Alemanha, ocorrendo entre a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, a dança contava histórias de contos romântico e de fadas, marcadas por beleza e leveza, que teve sua fixação maior na Rússia, mesmo depois de seu declínio após a Revolução Industrial, que marcou o surgimento de novos bailarinos e tendências do balé (GUSSO, 1997).

A decadência do balé romântico deu espaço para a era da dança moderna, que veio como forma de contestação, rejeição e negação aos rigores do balé (GUSSO, 1997). Sendo um período marcado por nomes como o de Isadora Duncan, que considerava seu trabalho como dança livre (FARO, 1986), a dança moderna divide-se em algumas correntes, sendo essas o realismo, o expressionismo, o impressionismo, o cubismo e o surrealismo (GUSSO, 1997). No Brasil se tem o florescimento e o reconhecimento da dança e do balé moderno em São Paulo, em meio à ditadura militar, onde os personagens inseridos na dança tornam-se porta-vozes do crítico cenário vivenciado no país (RENGEL; MISI, 2021).

A partir desse período, com novas ideias e visões sobre a dança surgindo é possível se ter novas formas de dançar e novas modalidades, tanto do estilo de salão caracterizado pela dança de par, com ritmos como o tango, a valsa e até mesmo o samba, sendo este último uma grande contribuição brasileira para a dança de salão, perdendo a conotação religiosa que antecedia quarenta dias da quaresma, para divertimento da população, quanto por estilos mais livres e individuais, como o sapateado e o jazz (GUSSO, 1997). Segundo a autora:

Todos estes estilos tem o corpo como instrumento e a mente como guia, cada qual com suas características, seja como for, a dança [...] está servindo como cano de escape para as frustrações, tensões, incertezas da vida moderna e para fortificar ainda mais a comunicação do homem, para mostrar quais são suas perspectivas em relação a vida e ao próximo, algo para qual a Educação Física também tem servido (GUSSO, 1997, p. 36).

Apesar dessas evoluções é necessário lembrar que a dança foi durante alguns séculos de regalia apenas de homens, sendo as mulheres muitas vezes deixadas em segundo plano,

assumindo tardiamente espaço nesse meio (FARO, 1986). O preconceito e a estereotipação do homem não era algo presente em determinadas culturas e danças (GUSSO, 1997). O que nos provoca a pensar no porquê de atualmente existir uma resistência do homem à dança, se tornando uma questão tão ligada ao gênero e a sexualidade.

2.2 Homens na dança: gênero e sexualidade

A dança é considerada um fenômeno presente durante a história da sociedade, que retrata seus desenvolvimentos sociais, religiosos, políticos e culturais. Seria um mecanismo usado pelo homem para representar e expressar suas vivências e influências no mundo (SANTOS et al., 2015).

Estudos mostram que a dança, em especial o balé, estava associado a um modelo de masculinidade nobre, a execução dos movimentos garantia a prova dessa masculinidade, e era considerada uma atividade natural do homem pela sociedade (SANTOS et al., 2015). Mas a inversão desses valores se deu a partir de novos processos civilizadores e a necessidade de uma organização das relações sociais, que construíssem novos ideais para a masculinidade (SANTOS et al., 2015).

De acordo com Assis e Saraiva (2013), há indícios de que a dança profissional teria começado a ser associada a homossexualidade após a era do Rei Luís XIV, onde o balé teria sido levado aos palcos, tornando-se muito mais refinado, abandonando assim as cortes. A partir daí, mais especificamente em 1681, se deu a inclusão das bailarinas mulheres, que começaram a se destacar, ocupando o plano principal dos espetáculos, apresentações e aperfeiçoando uma arte que até então seria dos homens (ASSIS; SARAIVA, 2013).

Com a Revolução Industrial, de acordo com Santos et al. (2015), surge uma nova forma de representação da masculinidade, assim como também a distinção entre a homossexualidade e a heterossexualidade, estabelecendo normas de gênero e sexualidade.

O gênero é descrito por autores como Pereira e Leite (2019) e Andreoli (2010) como uma construção social e cultural de características corporais e comportamentais diante da sociedade, que caracterizaria um sujeito como homem ou mulher. Essa construção social abriga algumas significações simbólicas e discursivas que colocam como atributos que representam o homem e a masculinidade os quesitos de vigor, força, agressividade, racionalidade, iniciativa, dinâmica, entre outros, sobrando assim para a representação do feminino, atributos complementares, como fragilidade, delicadeza, passividade, sentimentalismo, entre outros. O processo educacional de homens e mulheres então teria valores, atitudes e posturas diferentes para cada sexo (ANDREOLI, 2010). Sendo assim o

autor ainda afirma que a dança é colocada como uma de tantas outras práticas socialmente instituídas, em que os corpos são definidos por gêneros, relacionando o corpo e o sensível, passa a ser considerada própria da essência de feminilidade.

A sexualidade, diferente da identidade de gênero, está associada a questão do relacionamento afetivo-sexual de um indivíduo com o outro, podendo ser essa relação com alguém do mesmo sexo, sexo oposto ou ambos, como é colocado por Gomes (2021).

As denominações de identidade de gênero e sexualidade podem ser encontradas na sigla LGBTQIA+, sendo as letras: “T” (transexuais, travestis e transgêneros), “Q” (queer- não se identifica por padrões binários de gênero) e “I” (intersexuais – ao nascer o órgão reprodutor não é identificado pela nomenclatura binária) as representações relativas ao gênero. Já as demais letras são correspondentes as sexualidades, sendo o “L” (lésbica), “G” (gay), “B” (bissexual), “A” (assexual), e ainda o “+” representando os demissexuais, pansexuais e intrassexuais (GOMES, 2021).

Consequentemente esse novo modelo social de masculinidade acaba desvalorizando a dança como uma prática entre os homens (ANDREOLI, 2010). A mulher, portanto, nessa estrutura social, passa a ser apontada como o ser emocional, sensível, da natureza e ligada as ações artísticas, enquanto o homem seria o ser intelectual, responsável pelas políticas, ciências e filosofias (ANDREOLI, 2010). Segundo Santos et al. (2015) esse modelo estrutural da sociedade construiu uma noção de gênero e sexualidade que aponta os homens que dançam como não sendo tão homens assim.

Sendo assim a sustentação de um conceito heteronormativo, que regula os gêneros, polícia e censura a sexualidade, com um modelo de homem heterossexual, distancia o homem da prática da dança, por não performar o que é colocado como masculino (ANDREOLI, 2010; PEREIRA; LEITE, 2019). Contudo é importante salientar que a sexualidade não tem ligação com a identidade de gênero e sua construção (GOMES, 2021), e a problemática envolvendo a dança e o homem, está pautada na atitude preconceituosa das pessoas em relação a sexualidade (PEREIRA; LEITE, 2019).

Para Gomes (2021), a dança e seus movimentos considerados femininos, servem como meio de ir contra a masculinidade frágil imposta por uma sociedade preconceituosa. E as aulas de dança, quebrando com as amarras estereotipadas existentes sobre o gênero e sexualidade, tem a potencialidade de oportunizar que todos possam dançar sem um olhar discriminatório (GOMES; VIEIRA, 2021).

As aulas de dança seriam então o lugar onde as pessoas pertencentes a comunidade LGBTQIA+ teriam mais liberdade das amarras impostas pela sociedade heteronormativa (GOMES, 2021).

3 JUSTIFICATIVA

Por meio de experiência pessoal, observando indivíduos gays e bissexuais, dentro e fora do ambiente da dança, e analisando trabalhos teóricos que englobam o aspecto de gênero e sexualidade masculina relacionados com tal temática, como no estudo de Andreoli (2010) e de Santos et al. (2015), que apresentam as questões sociais envolvendo a dança e o papel que o homem deve cumprir na sociedade para afirmar a sua sexualidade, surgiu o interesse de realizar um trabalho que aborde com uma perspectiva subjetiva dos sujeitos não héteros, praticantes de modalidades individuais de dança, sobre como esse ambiente pode vir a influenciar, ou não, seu comportamento.

4 OBJETIVOS

4.1 Objetivo Geral

Analisar se o ambiente da dança exerce influência comportamental na vida de homens gays ou bissexuais praticantes da modalidade.

4.2 Objetivos específicos

- Analisar como o sujeito se sente no ambiente de prática da dança.
- Identificar se o sujeito se sente pressionado a seguir um padrão heteronormativo no ambiente da dança.
- Descrever como a dança pode contribuir para socialização no ambiente externo à prática da modalidade.

5 METODOLOGIA

5.1 Tipo de pesquisa

É um trabalho com natureza de pesquisa básica, com intuito de gerar novos conhecimentos que serão úteis, mas sem aplicação prática (PRODANOV; FREITAS, 2013). Quanto ao objetivo, apresenta um caráter exploratório, que de acordo com Gil (2002), tem o objetivo de aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições, proporcionando familiaridade com o problema, explicitando-o ou constituindo hipóteses.

A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa onde os aspectos da realidade analisada não foram quantificados e não tiveram preocupação com representatividade numérica, focando assim na compreensão e explicação da dinâmica social, procurando na amostra da pesquisa a produção de informações aprofundadas e ilustrativas (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Em relação aos procedimentos, é um estudo de campo, que segundo Gil (2002) procura um maior aprofundamento nas questões propostas, apresentando maior flexibilidade no planejamento.

5.2 Critérios éticos

A oficialização da participação da amostra da pesquisa se deu por meio do preenchimento do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE 1), visando garantir a integridade e dignidade dos sujeitos que fizeram parte do trabalho, e informando previamente sobre todos procedimentos do estudo.

5.3 Critérios de inclusão e exclusão da pesquisa

Foram incluídos na pesquisa sujeitos que se identificam com o gênero masculino, orientação sexual sendo gays ou bissexuais e participantes atuais ou que já participaram de um grupo de dança individual. Demais sujeitos que fogem a esses pré-requisitos, assim como também sejam menores de 18 anos de idade e que não assinarem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, estão excluídos da amostra da pesquisa.

5.4 Sujeitos da pesquisa

Foram eleitos para o estudo oito indivíduos homens, com idades entre 22 e 29 anos, assumidamente gays ou bissexuais e que fizeram parte do grupo de danças individuais, Incorpore, pertencente ao projeto de extensão Nedin (Núcleo de Estudo em Dança Inclusiva), na Universidade Federal de Lavras (UFLA).

5.5 Coleta de dados

A coleta de dados da pesquisa foi realizada por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada (APÊNDICE 2), ou seja, formulada com antecedência, visando a padronização e possibilitando a comparação dos grupos de respostas, segundo (PRODANOV; FREITAS, 2013). Houve também a realização de um estudo piloto, que antecedeu a pesquisa em si, realizando os processos metodológicos previstos, garantindo que possa ter modificações e melhorias de pontos fracos e problemáticos na investigação (CANHOTA, 2008)

As entrevistas ocorreram via *Google Meet* e foram gravadas para que posteriormente as falas fossem transcritas. É importante salientar que somente as falas durante a entrevista foram analisadas e não a imagem dos sujeitos.

5.6 Análise de dados

A análise dos dados, obtidos por meio das entrevistas, foi feita com base na análise do discurso, principalmente fundamentada na teorização de Michel Pêcheux, que segundo Bardin (1977) estabelece ligação entre a situação do sujeito e a manifestação discursiva. Segundo Cappelle, Melo e Gonçalves (2011) analisa a funcionalidade do texto frente a um determinado contexto social e histórico, buscando a compreensão do processo produtivo do discurso.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir de agora, com o intuito de proteção e sigilo em relação a identidade dos sujeitos pertencentes a amostra deste trabalho, esses serão identificados como S1, S2, S3, S4, S5, S6, S7 e S8. Todos eles já tendo participado das aulas de dança do grupo Incorpore, da Universidade Federal de Lavras, em modalidades como, jazz, fitdance, vídeo dance e ritmos, além de serem assumidamente pertencentes a comunidade LGBTQIA+.

Durante as entrevista foram levantados temas, como os sentimentos vivenciados, a liberdade de expressão, a socialização, o comportamento, o preconceito, modelo de masculinidade e influência na orientação sexual, tudo isso envolto na atmosfera do ambiente das aulas de dança.

Quando perguntados sobre os sentimentos que as aulas de dança haviam proporcionado a eles, os mais predominantes foram de liberdade, pertencimento, conforto, acolhimento e melhora da autoestima, como podemos observar pelas respostas de S1, S3 e S4, respectivamente:

“A [...] foram sentimento de liberdade, de acolhimento também, porque eu sentia que tava todo mundo ali pelo mesmo objetivo, que era dançar, então eu me sentia bem acolhido no ambiente, de forma geral.”

“[...] Acho que trabalhou mais uma questão de autoestima pra mim e segurança, acho que uma questão mais de segurança porque antes eu era uma pessoa muito insegura e com a autoestima baixa, e durante as aulas a gente foi trabalhando essa questão de autoestima, essa questão de aceitar quem a gente é, e de também não ter vergonha de fazer alguma coisa. [...] desenvolveu um sentimento de afeto né, a gente meio que virou muito amigo. Então era um local que eu trabalhava essas questões internas minhas, mas também era um local que eu me sentia acolhido.”

“[...] Principalmente conforto e pertencimento. Eu acho que não só uma aula de dança, o que a gente tinha era uma sensação de família assim, sabe, de esperar a semana inteira para aquilo porque era uma coisa que me ajudava, não só pela dança em si, mas por tudo que... as amizades e tudo que a gente construiu em volta do grupo.”

A cultura corporal de movimento da dança e o ritmo das ações proporcionam uma resposta interior nas questões sentimentais e emocionais, que as descrições verbais não abrangem tudo o que é realmente sentido, como colocado por (LABAN, 1978, p. 141 *apud* CAMPEIZ; VOLP, 2004, p. 170). O ato de dançar, de se mover num determinado espaço e tempo, garante uma conexão profunda do indivíduo com ele mesmo, proporcionando um misto de sentimentos e emoções, sejam essas simples ou fortes (MELO, 2017).

Apesar disso alguns sujeitos, como S6 e S8, relataram que no início havia certo receio, medo, timidez e até mesmo um sentimento de incapacidade para executar os movimentos e se expor durante as aulas, mas é possível notar que ao longo dos discursos aquele ambiente se tornou agradável para eles, como exposto nas falas:

“[...] em alguns momentos eu sentia um pouco de... Incapacidade por eu talvez ter um pouco de dificuldade de dançar, um pouco de vergonha, um pouco de timidez, mas acho logo se soltava porque a galera ajudava... O ambiente ajudava”.

“[...] Olha, no começo, nas primeiras aulas foi algo completamente... como vou dizer isso... vou nem dizer sinistro, mas assim amedrontador. Porque eu tinha muito medo de me expor e fazer as coisas de forma errada, que não condiziam com o padrão ou a cultura de movimento que as aulas tinham,[...] Então tinha esse receiozinho assim de me expor. Mas depois...

Nossa, eu amava! Tava em todas as aulas lá fervendo nervosa (risos). Dançando louca, disputando vaga na frente (risos). Era tudo de bom!”

Essas dificuldades, timidez e até mesmo a dificuldade de socialização, segundo Fonseca, Vecchi e Gama (2012) podem ser resolvidas nesse meio da dança, através da música e do ritmo singular de cada sujeito, proporcionando compatibilidade entre os indivíduos.

No quesito de liberdade de expressão, quando perguntados se o ambiente das aulas era mais favorável do que outros ambientes externos a este, foi unânime nos discursos que o ambiente das aulas de dança se apresenta mais favorável. De acordo com os sujeitos é possível notar que o ambiente das aulas, assim como o grupo ali presente, proporciona maior liberdade e conforto para agirem de forma a não esconder quem eles realmente são, sem medo de julgamentos e podendo se expressar corporalmente da forma singular de cada um. Como é notado nas falas de S1, S5, S6 e S8:

“Com certeza, porque eu sinto que dançando eu consigo... digamos, falar com meu corpo o que eu tô sentindo, expressar realmente o que eu sinto, o que eu penso, o que eu tô... eu tô sentindo com aquela música, com aquela sensação, do que em outros ambientes. Dançando eu sinto que consigo ser eu de verdade.”

“[...] eu achei super confortável em questão de expressar. Tanto sendo uma pessoa LGBTQIA+, poder usar o que eu quisesse, agir como eu sou... porque era um ambiente aberto pra gente ser quem a gente quisesse. Não tinha nenhum tipo de taxação ou algum tipo de controle ou... você não era julgado. Podia fazer o que você quisesse, dentro do que a dança proporcionava e ser você mesmo, então era bem tranquilo.”

“Eu acredito que sim. Porque, é... quando você entra em qualquer outro ambiente a liberdade de expressão ela fica um pouco mais contida. Lá dentro do ambiente com a galera, é... toda te impulsionando a essa liberdade de expressão, acho que você se sente mais leve, mais a vontade, com um pouco mais de facilidade de se mostrar de verdade.”

“Ah completamente! Completamente! Não só pela dança em si né, mas pelo contexto geral assim. Da galera que tava comigo, pela proximidade que eu tenho com todo mundo, mais estar nesse ambiente que muita gente já se sentia livre, já fazia aula de dança há muito tempo, galera que me instigou a fazer aula de dança... Acho que estar com eles me fez me permitir muito mais, sabe? Me abrir muito mais. Não ter mais esse receio e ser quem eu sou! [...]”

No que tange esse assunto, é colocado por Campeiz e Volp (2004) que a dança com um intuito criativo e de auto expressão possibilita a participação de pessoas que se encontram em distintos contextos sociais, onde todos estes podem se expressar através da dança.

Levando em consideração um ambiente majoritariamente composto por indivíduos da comunidade LGBTQIA+, e indo de encontro à pesquisa de Gomes, Arruda e Santos (2021), onde foram analisados os espaços voltados para essa comunidade, pode-se considerar que o ambiente composto por esse grupo social similar, ofereça um ambiente com possibilidades de experiências libertadoras.

Ao que diz respeito se a dança proporcionou a esses sujeitos maior capacidade de socialização fora desse ambiente, as respostas se mostraram muito positivas ao fato de ter melhorado a capacidade de interação dos indivíduos com outras pessoas, deixando clara a melhora nas questões de timidez, desenvoltura, oratória e construção de relações interpessoais, como é possível observar nas respectivas falas de S2, S3, S4 e S8:

“[...] Se ajuda? Ajuda sim! A gente teve apresentação também e vencer essas barreiras mesmo de julgamento, de ter vergonha e tá tudo bem, acho que ajuda bastante nesse quesito de romper com esses medos, com esses rótulos, e... sim, mais desenvoltura, expressão mesmo, expressar em público.”

“A, com certeza, [...] eu ganhei novos amigos dentro do ambiente da dança. E acabou que a gente fazia muito rolê fora, e aí eu conhecia pessoas próximas as outras pessoas, e conseguia socializar com elas, algumas eu acabei virando amigo, e eu acho que isso tem muita importância, esse papel da dança tem muita importância pra eu tá onde eu tô hoje, [...] quando eu vim pra BH, eu não conhecia ninguém, então eu precisei meio que dar minha cara a tapa e socializar com as pessoas, pra construir o mínimo de relação de amizade aqui. Então acho que sim, a dança tem um papel muito importante nas minhas amizades de hoje.”

“Sim! Fora do ambiente também, porque eu sinto que a medida em que esse lugar de conforto era trabalhado em mim toda semana, isso mudava as minhas perspectivas pra quando eu saía de lá [...]. Eu sinto que foi um processo de ajuda em questão de oratória, em questão de socialização mesmo.”

“Total! [...] Depois que eu comecei na aula de dança, a minha fala perante as pessoas era muito mais tranquila e desenvolta. Eu agia com mais naturalidade assim. Tive essa quebra de barreira, sabe: pré aula de dança e pós aula de dança. Bem nítido também pra reparar assim... então me ajudou demais em relação a falar com outras pessoas, a me manifestar, me expor...”

Lima e Guimarães (2014) explicam o processo de socialização como sendo a integração do indivíduo em um grupo, obtendo a partir disso, hábitos e valores que o levarão a uma adaptação, podendo ser entendida como o desenvolvimento de uma consciência coletiva.

As respostas apresentadas vão de encontro ao fato de que a arte da dança, se tratando de uma linguagem verbal e não verbal, de fala e movimento, proporciona ao indivíduo que

dança um envolvimento e uma relação consigo mesmo e com o outro, desenvolvendo assim habilidades de autoconhecimento e convívio social, além de reformular a autoestima e proporcionar o desenvolvimento de afetividade (LIMA; GUIMARÃES, 2014). Junto a isso, Santos (2019) esclarece que uma das formas pela qual o homem entende e se coloca no mundo, é através da comunicação e expressão vinda por meio da dança.

Em relação a percepção desses indivíduos sobre existir uma diferença de comportamento dos mesmos, dentro do ambiente das aulas de dança comparado a ambientes externos a esse, é notável de uma forma geral que existe sim uma diferença de comportamento, sendo o ambiente das aulas colocado como um local onde se tem mais liberdade, conforto, acolhimento para poder ser e se expressar como queiram. Em contrapartida, o ambiente externo ao da dança foi colocado como um local que o indivíduo precisa se adequar, manter uma postura mais inflexível e séria diante das outras pessoas, como é colocado pelos sujeitos S1, S5, S6 e S7 respectivamente:

“A eu sinto... sinto bastante, porque lá, como eu disse, eu me sentia acolhido, porque tinha muitas pessoas que eu sentia que eram iguais a mim, então lá eu conseguia me expressar de verdade. Em outros ambientes eu tenho que... eu sinto que eu preciso me adequar, para aqueles locais, para eu não ser olhado de forma diferente, não ser tratado de forma diferente”.

“Então, eu seria mentiroso se falasse que não. [...] a arte te deixa... te liberta, deixa você se sentir livre pra ser... Num ambiente fora a essa zona de conforto ele te bloqueia em alguns aspectos então você não vai ser 100% você em um ambiente fora daquele lugar. [...] Você às vezes tem que tomar um cuidado, você tem uma preocupação com o seu... com o que tá em torno de você, pra você não se sentir atingido ou você não se sentir... tanto que você cria umas defesas... Então é totalmente diferente: você na dança e você fora dela”.

“Eu acho que sim! É... em determinados momentos eu tenho que manter uma postura um pouco mais firme e um pouco mais inflexível. Ser um pouco mais... neutro. Mas lá eu acho que tive a liberdade de falar o que eu quisesse, me mostrar da forma que eu quisesse”.

“Ah com certeza porque o momento de dança é realmente o momento de me expressar, de dançar, realmente me soltava ali. [...] Em outros espaços que eu me sinto desse jeito eu acho que não. Acho até porque eu sou bem... acabo sendo um pouco sério as vezes; bem fechado em alguns outros momentos”.

Essa mudança de comportamento relacionada ao local onde o indivíduo está inserido vai de encontro ao que é exposto no estudo de Andreoli (2017), sobre as ações e comportamentos serem reguladas pelas relações sociais, as pessoas que se encontram ao redor

do indivíduo, com todos os seus valores e expectativas, farão com que ele produza um diferente “eu” e tenha ações esperadas por aqueles que estão ao seu entorno. Ainda segundo o autor, isso seria algo performativo, construído por meio de jogos interpretativos do corpo, criando a ilusão de naturalidade.

No que permeia as questões de orientação sexual e identidade de gênero, os sujeitos foram questionados a respeito de já terem ou não, passado por alguma situação de preconceito, que tange a esse assunto, dentro do ambiente das aulas de dança. Todos apresentam em seus discursos que nunca sofreram nenhum tipo de preconceito, e as justificativas na perspectiva deles para que isso nunca tenha ocorrido perpassam por ser um ambiente de conforto, pela arte da dança em si não julgar ou bloquear quem você é ou como você se expressa, e até mesmo por ser um ambiente composto majoritariamente por mulheres, homens gays ou pessoas da comunidade LGBTQIA+ de uma forma geral, como é colocado pelos sujeitos S2, S3 e S7:

“Não, nenhuma! Jamais. Olha...o grupo, pelo menos o tempo em que eu participei, é mais composto por mulheres, e os meninos que participavam eram todos gays também, acho que teve, fora eu, mais três que eu vi. Assim, não tinha motivo para ter discriminação”.

“Dentro das aulas não, isso foi até uma coisa que me surpreendeu. No vídeo dance e no fitdance eu nem esperava que isso fosse acontecer, porque era predominantemente constituído de pessoas LGBT, mas eu esperava que no forró fosse ter algum problema, principalmente porque era uma dança que a gente tinha que ter duplas, né [...] e aí nem sempre tinha o famoso parzinho, um homem e uma mulher pra dançar, e aí a gente acabava dançando dois homens ou duas mulheres. Mas acabou que durante as aulas todo mundo dançava com todo mundo, se tratava bem e aí eu nunca senti nenhum tipo de desprezo ou de preconceito em relação a minha sexualidade”.

“Não... nunca passei nada do tipo. É... eu acho que é por conta do ambiente em si, acho que todo mundo que tava ali, boa parte das pessoas também são gays e a professora em si é muito amigável... Acho que todo mundo ali, tipo assim, o ambiente em si não... não... acho que passa longe qualquer tipo de preconceito ali”.

No entanto, em um outro cenário, é pontuado pelo S8 que fora do ambiente da dança já passou por “uma ou outra” situação de preconceito, mostrando que apesar das leis de garantia a liberdade e igualdade, o indivíduo em relação de sociedade, tem seu corpo tido como algo mais social que individual, estando sujeito a discriminação, seja pelas mais diversas condições, física, econômica, de raça, gênero ou sexo (PEREIRA; LEITE, 2019).

Ao decorrer da entrevista, quando questionados sobre ter que seguir algum modelo de masculinidade dentro do ambiente das aulas de dança, sete dos oito sujeitos colocam que não sentiam que precisavam implantar algum comportamento relacionado ao gênero ou qualquer padrão de masculino ou feminino, dentro das aulas de dança, não era algo limitado a esses padrões e sim algo fluído e libertador dessas questões. Já o indivíduo S7 relata que segue sim algum tipo de padrão de masculinidade nas aulas, deixando claro que apresenta certo desconforto quando alguns dos movimentos necessários nas aulas são tidos como mais femininos. Quando perguntado se sentia que era algo de sua própria personalidade ou que tenha sido imposto de alguma forma, ele relata que é uma coisa pertencente a ele mesmo, de não se sentir a vontade realizando movimentos tidos como femininos com outras pessoas observando. Porém, posteriormente, o próprio relata que essa questão é um certo bloqueio que estava sendo trabalhado nas aulas:

“Sim... (risos). Eu acho que eu tenho isso um pouco comigo, então meio que se eu estiver lá... talvez tenha passos ou coisas do tipo que se forem muito femininos eu não me sinto muito confortável em fazê-los. [...] Às vezes eu dou uma personalizada, alguma coisa que eu me sinta mais a vontade.

É isso [...] é coisa minha mesmo. Claro que também faz parte de eu agir desse jeito de não me sentir confortável de fazer coisas femininas, acho que também é por conta de outras pessoas estarem assistindo sim. Mas é também porque eu não me sinto confortável. [...] E eu entendo que é um bloqueio que talvez eu tenha a princípio. Que eu com certeza estava desenvolvendo ali”.

Essa questão pode estar muito relacionada, como colocado por Gomes (2021), à superioridade da condição heteronormativa, que é imposto pela sociedade, sendo reflexo dos estereótipos produzidos nos ambientes, até mesmo onde existe superioridade de indivíduos da comunidade LGBTQIA+. E ainda esclarece que uma forma de ir contra a masculinidade frágil, imposta pelo preconceito social, e também externar certas inquietações, seria através da atração por movimentos tidos como “femininos”. Lembrando que de acordo com Andreoli (2017), a questão de masculinidade e feminilidade são encenações correspondentes a normas sociais e não a partir do sexo biológico.

Seguindo com as entrevistas, buscando saber se há alguma relação entre a dança e a orientação sexual desses indivíduos, foi questionado se a dança influenciou de alguma forma na sexualidade destes sujeitos. De uma maneira geral foi colocado por eles que a sexualidade veio antes da dança, e que a dança como um ambiente que permite melhor a expressão e a liberdade se tornou um local onde foi possível entender melhor e respeitar tanto a própria

sexualidade quanto a das outras pessoas, um ambiente que permitiu melhor auto entendimento, mas que não influenciou na sexualidade não hétero destes indivíduos, como exposto por S1, S3, S5 e S8 respectivamente:

“Não, de maneira nenhuma! Porque eu sinto que a dança me ajudou a entender um pouco melhor, mas não que ela tenha me influenciado, porque eu já sabia o que eu era, tinha minhas dúvidas ainda porque a gente ainda é criado para ser de uma certa forma, seguir determinados padrões, mas eu sabia que eu não tava dentro daqueles padrões que tinham sido criados. Mas com a dança eu consegui me entender melhor, não sinto que me influenciou em nada, mas me ajudou a me entender mais”.

“Acho que na minha sexualidade não, mas na aceitação da minha sexualidade sim e no entendimento... da minha sexualidade, como as outras pessoas são em relação a sexualidade delas [...]”

“Não [...] a gente já tá aí há muito tempo entendendo que a sexualidade não é influenciável, ela é uma questão de ser mesmo, então eu acredito na verdade, que a dança ela te ensina a respeitar a sexualidade do outro. Então a dança ao invés dela influenciar sexualidade, ela te influencia no seu ser, de ser você mesmo, de ser mais forte do que você quer ser, entendeu”?

“Na minha sexualidade? Não! A dança não me influenciou pra eu ser a pessoa gay que eu sou. [...] Então não vejo a dança como uma questão de influência pra minha sexualidade, mas sim como um complemento de auto entendimento. Acho que foi mais pra esse lado... Quando eu comecei a dançar, quando eu comecei a fazer as aulas de dança, eu comecei a me entender melhor... conseguia me expor com mais clareza, sabe [...]”.

Já S7, entretanto, diz que apesar de não ter influenciado na sua sexualidade, que a prática se estende ao homem gay que ele se identifica, colocando assim a dança como sendo algo que ele exerce apenas por ter sua sexualidade definida. Chega a dizer que se fosse um homem hétero, acredita que não teria vontade de “fazer as coisas” em um meio artístico como o da dança, ou até mesmo se fosse hétero e gostasse de dançar, não estaria naquele ambiente “porque só tem gays”, dando exemplo de meninos héteros que participaram por pouco tempo do grupo de dança:

“Eu acho que... meu, eu sempre fui bem resolvido com a minha sexualidade desde que me assumi, mas acho que a dança expressa um pouco isso mais; eu me sinto muito mais livre. [...] Eu acho que se fosse um menino hétero não teria tanta, tanta liberdade em relação a isso, ou tanta vontade de fazer as coisas. Então acho que influencia de uma forma positiva assim [...]. No caso, se eu fosse hétero, possivelmente eu imagino que por mais que eu goste de dançar, eu não vou ali naquele ambiente porque só tem gays, por exemplo. Eu acho que eu vejo muito disso em muitos meninos, até nos meninos héteros que participaram do vídeo dance, eu acho que eles ficaram

ali um pouquinho e depois saíram por conta do ambiente em si. Eu vejo um pouco isso. Mas acho que não que... acho que tenha acontecido na ordem depois. Acho que minha sexualidade veio primeiro e depois o vídeo dance”.

Ainda não há estudos concluintes que expliquem de fato como surgem as diferentes orientações sexuais, seja homossexual, bissexual ou heterossexual, mas existem diferentes vertentes de estudos a respeito de tal assunto, como é colocado por Cardoso (2008), que agrupou as hipóteses em categorias de evolucionistas, biológicas, de identidade, de personalidade e motoras. Apesar de tudo, na pesquisa aqui em questão, os indivíduos garantem que a dança não teve influência na sua orientação sexual.

7 CONCLUSÕES

Com a realização desta pesquisa foi possível concluir que para estes indivíduos as aulas de dança proporcionam sentimentos agradáveis, de conforto e pertencimento, além de ser um ambiente mais favorável a liberdade de expressão, a manutenção da timidez, da autoestima e do auto entendimento, garantindo maior liberdade e desenvoltura para a construção das relações sociais, não só dentro do grupo como também fora deste ambiente.

Em relação ao comportamento, verificou-se que os indivíduos apresentam diferentes modos de agir, quando colocado o ambiente da dança em comparação a ambientes externos a este. O ambiente da dança é tido como um local onde os indivíduos podem ser eles mesmos, sem medo de julgamentos ou repressões, já o ambiente externo é tido como um local onde existe a necessidade de se encaixar de acordo com os padrões sociais estabelecidos, muitas vezes sendo um padrão heteronormativo. Isso nos garante a ideia de que o ambiente da dança em que esses sujeitos estão inseridos, garante uma certa fuga dos padrões estabelecidos socialmente como corretos.

Fazendo uma ligação com a questão do preconceito, foi colocado que no ambiente da dança nunca houve situações de preconceito contra a orientação sexual ou identidade de gênero desses indivíduos. E mesmo que não tenha sido colocada em questão uma comparação com o ambiente externo, houve relato de já ter ocorrido algum cenário de preconceito neste.

No que permeia a questão de seguir um modelo de masculinidade pré-estabelecido pela sociedade, dentro do ambiente das aulas, é possível perceber que para a maioria estes padrões de masculino e feminino não se encaixam na proposta das aulas e da arte da dança, sendo algo muito fluído. Porém também é possível notar que essa ideia de masculinidade,

mesmo dentro de um ambiente onde a comunidade LGBTQIA+ seja predominante, ainda existe para alguns indivíduos, devido a diferenciação comportamental de gênero que ainda é construída na sociedade, mas como colocado no relato, é algo que pode ser trabalhado, inclusive no ambiente da dança.

Ao que diz respeito à orientação sexual ter sido influenciada pela dança, na subjetividade dos sujeitos, é algo que não ocorreu, pois, a sexualidade já estava estabelecida antes da dança. Mesmo ainda não se tendo certeza de como surgem as diferentes orientações sexuais, com essa pesquisa é possível analisar que o ambiente da dança não é um influenciador da sexualidade não hétero, mas sim um ambiente de auto compreensão de cada indivíduo.

Por fim, por meio deste trabalho se pode ter uma ideia de que o ambiente das aulas de dança pode ser interessante a homens gays e bissexuais, em aspectos sentimentais, de liberdade, de construção de relações sociais, fuga do preconceito e das amarras heteronormativas existentes na sociedade. Sendo válido lembrar que discussões e pesquisas nessa área ainda se encontram muito limitadas, reforçando o quanto essas questões ainda devem ser melhor exploradas e analisadas.

REFERÊNCIAS

- ANDREOLI, G. S. A Técnica Corporal na dança: redimensionamentos epistemológicos. **Revista Arte da Cena**, Goiânia, v. 3, n. 2, p. 86-107, jul-dez/2017. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/artce>. Acesso em: 16 jan. 2023.
- ANDREOLI, G. S. Dança, gênero e sexualidade: um olhar cultural. **Revista Conjectura, Caxias do Sul**, v. 15, n. 1, p. 107-118, 2010. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/186>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- ANDREOLI, G. S. **Representação de masculinidade nas danças contemporâneas**. 2010. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/24158>. Acesso em: 16 jul. 2022.
- ASSIS, M. D. P.; SARAIVA, M. C. O feminino e o masculino na dança: das origens do balé à contemporaneidade. **Movimento**, v. 19, n. 2, p. 303-323, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115326317007.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2022.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 70. ed. São Paulo: Persona Psicologia, 1977. Disponível em: <https://ia802902.us.archive.org/8/items/bardin-laurence-analise-de-conteudo/bardin-laurence-analise-de-conteudo.pdf>. Acesso em: 06 fev. 2023.
- CAMPEIZ, E.; VOLP, C. Dança criativa: a qualidade da experiência subjetiva. **Motriz. Journal of Physical Education**. UNESP, p. 167-172, 2004. Disponível em: <<https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/385>>. Acesso em: 07 fev. 2023.
- CANHOTA, C. **Qual a importância do estudo piloto?** In: SILVA, E. E. (Org.). Investigação passo a passo: perguntas e respostas para investigação clínica. Lisboa: APMCG, 2008. p. 69-72. Disponível em: <https://apmgf.pt/apmgfbackoffice/files/Investiga%C3%A7%C3%A3o%20Passo%20a%20Passo.pdf>. Acesso em 06 fev. 2023.
- CAPPELLE, M. C. A.; MELO, M. C. de O. L.; GONÇALVES, C. A. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Organizações Rurais & Agroindustriais**, [S. l.], v. 5, n. 1, 2011. Disponível em: <http://revista.dae.ufla.br/index.php/ora/article/view/251>. Acesso em: 07 ago. 2022.
- CARDOSO, F. L. Etiologia da orientação sexual e suas implicações para a ciência do movimento humano/etiologia da orientação sexual. **Motrivivência**, [S.L.], n. 30, p. 197-216, 11 dez. 2008. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2008n30p197/11503>. Acesso em: 27 jan. 2023.

FARO, A. J. **Pequena História da Dança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986. Disponível em: https://www.academia.edu/download/33721032/Historia_da_Danca.pdf. Acesso em: 14 jul. 2022.

FONSECA, C.; VECCHI, R.; GAMA, E. A influência da dança de salão na percepção corporal. **Motriz: Revista de Educação Física**, [S.L.], v. 18, n. 1, p. 200-207, mar. 2012. Disponível em: [https://www.scielo.br/j/motriz/a/kQjtDjstZ6nQtXsdzGVLVds/abstract/?lang=pt#:~:text=Esses%20fatores%20combinados%20com%20o,como%20emocional%20\(imagem%20corporal\)..](https://www.scielo.br/j/motriz/a/kQjtDjstZ6nQtXsdzGVLVds/abstract/?lang=pt#:~:text=Esses%20fatores%20combinados%20com%20o,como%20emocional%20(imagem%20corporal)..) Acesso em: 07 fev. 2023.

GERHARDT, T. E.; SOUZA, A. C. **Aspectos teóricos e conceituais. Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 33-44, 2009. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213838/000728731.pdf?sequ>. Acesso em: 07 ago. 2022.

GIL, A. C. **Como classificar as pesquisas. Como elaborar projetos de pesquisa**. 2002. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/38881088/como_classificar_pesquisas-with-cover-page-v2.pdf?Expires=1659834346&Signature=eeeJUOfMu2JA213zuiCWrcf7g~tiWEoND0jpD9YTskoPzhepucRH684Mrub9GW74tFvqDQ6JZag3~oqBjryBtEmwWDqr-JIBM4sILnFWJ~qtPE9oKoQC-0SL1uUDW7lkpyo6U2HYrCOocbe80eLh5yQ3PNnw5uSg~qAvbk9ZhyPXSuc2bf3azRX6IMdEYmjwbT9~8ltKX~r2-o8ZczZPXntYRcISKjhqKrNGuQVoujyN3bQ-yulgNT6QAF60aA0urkTbXkJDMnVsZ5137Bso2waJKnao7qkn8C85uVuF0TBjG2PUbgcd39qFJ-d0v74dywk-cqFGO7hn~GvOnLIWTg__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 07 ago. 2022.

GOMES, D. B. **Gênero e sexualidade na dança: uma reflexão educacional**. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/33675>. Acesso em: 16 jul. 2022.

GOMES, D. B.; VIEIRA, M. de S. **Quadrilha junina no contexto do RN: gênero e sexualidade, pautas levantadas no âmbito da manifestação popular**. Anais do 6º Congresso Científico Nacional de Pesquisadores em Dança – 2ª Edição Virtual. Salvador: Associação Nacional de Pesquisadores em Dança – Editora ANDA, 2021. p. 3440-3444. Disponível em: < <https://proceedings.science/anda/anda-2021/trabalhos/quadrilha-junina-no-contexto-do-rn-genero-e-sexualidade-pautas-levantadas-no-amb?lang=pt-br#>>. Acesso em: 06 fev. 2023.

GOMES, W.; ARRUDA, R.; SANTOS, D. **Festas LGBTQIA+ em Porto Velho: Espaços de Refúgio e Expressão**. Semana da Diversidade Humana v. 4, n. 5, 2021. Disponível em: < <http://periodicos.saolucas.edu.br/index.php/diversidadehumana/article/view/556/588>>. Acesso em: 06 fev. 2023.

GUSSO, S. **História da Dança: Processo Evolutivo da Arte Corporal**. 1997. 43 f. Monografia (Especialização) - Curso de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1997. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/222810709.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2022.

LIMA, M.; GUIMARÃES, S. Possibilidades terapêuticas do dançar. **Cadernos Brasileiros de Saúde Mental/Brazilian Journal of Mental Health**, [S. l.], v. 6, n. 14, p. 98–127, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/cbsm/article/view/68530/41289>>. Acesso em: 07 fev. 2023.

MAGALHÃES, M. C. **A dança e sua característica sagrada. Existência e Arte**. Revista Eletrônica do Grupo PET, 2005. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Educacao_fisica/artigo/2_danca_caracteristica.pdf. Acesso em: 14 jul. 2022.

MELO, F. P. **Imagem e esquema corporal: um relato de experiência na dança de salão**. 2017. 14 f. Monografia (Especialização) - Curso de Medicina, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.bahiana.edu.br:8443/jspui/handle/bahiana/289>. Acesso em: 07 fev. 2023.

PEREIRA, R. G. de C.; LEITE, R. A. de A. Dança e preconceito: visão heteronormativa sobre a prática da dança por indivíduos do sexo biológico masculino. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da Fait.**, [s. l.], v. 14, n. 2, p. 87-97, nov. 2019. Disponível em: http://www.fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/z0BRyLXNLvtJo0V_2020-6-19-20-50-6.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2ª Edição. Editora Feevale, 2013. Disponível em: < <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=zUDsAQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA13&dq=prodanov+e+freitas&ots=dc08hcAdGJ&sig=wbCdW5nRhhLdmaFUHn3X-NC-270#v=onepage&q=prodanov%20e%20freitas&f=false>>. Acesso em: 07 ago. 2022.

RENGEL, L; MISI, M. **Referências históricas da dança no Brasil**. Salvador, 2021. Disponível em: < <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/644975/2/Referencias%20Historicas%20da%20Danca%20no%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2023.

SANTOS, E.; ALMEIDA, V. **História do balé (da corte renascentista à terra de Cassiano)**. 2006. Disponível em: http://cronos.univap.br/cd/INIC_2006/inic/inic/05/INIC0000257%20ok.pdf. Acesso em: 14 jul. 2022.

SANTOS, R. F. dos; FERRAZ, S. C.; ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. A Dança Como Prática De Lazer: Algumas Reflexões Sobre Homens, Gênero E O Balé Clássico. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 2, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/fef/article/view/31888>. Acesso em: 23 jun. 2022.

SANTOS, S. F. A Dança Enquanto Recurso Psicoterápico Provedora De Mudanças Biopsicossociais. **Revista Psicologia & Saberes**, [S. l.], v. 8, n. 11, p. 350–359, 2019. Disponível em: <https://revistas.cesmac.edu.br/psicologia/article/view/850>. Acesso em: 23 jan. 2023.

APÊNDICE 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Prezado(a), você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa de forma totalmente voluntária da Universidade Federal de Lavras. Antes de concordar, é importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Será garantida, durante todas as fases da pesquisa: sigilo; privacidade; e acesso aos resultados.

I - Título do trabalho experimental: **O comportamento de homens gays e bissexuais e a influência do ambiente da dança**

Pesquisador(es) responsável(is): **Jaqueline Alves de Assis**

Cargo/Função: **Graduanda**

Instituição/Departamento: **Universidade Federal de Lavras / Departamento de Educação Física**

Telefone para contato: **(35) 991460439**

Local da coleta de dados: **Plataforma Google Meet**

II – OBJETIVOS

Analisar se o ambiente da dança exerce influência comportamental na vida de homens gays e bissexuais praticantes da modalidade.

III – JUSTIFICATIVA

Observando sujeitos gays e bissexuais no ambiente da dança e analisando trabalhos que englobam a temática de gênero, sexualidade e questões sociais envolvendo o papel do homem na sociedade, surgiu o interesse de saber por meio desses sujeitos, sobre como esse ambiente da dança pode vir a influenciar ou não seu comportamento.

IV - PROCEDIMENTOS DO EXPERIMENTO

AMOSTRA

Indivíduos homens que sejam assumidamente gays ou bissexuais e que fazem ou fizeram parte do grupo de danças individuais, Incorpore, pertencente ao projeto de extensão Nedin (Núcleo de Estudo em Dança Inclusiva), na Universidade Federal de Lavras (UFLA).

EXAMES

A coleta de dados referentes à pesquisa será realizada por meio de um roteiro de entrevista semiestruturada, esta entrevista irá ocorrer via *Google Meet*, onde o mecanismo de gravação será utilizado para que posteriormente as falas possam ser transcritas. Importante salientar que somente as falas durante a entrevista serão analisadas e não a imagem dos sujeitos.

V - RISCOS ESPERADOS

A avaliação do risco da pesquisa é mínimo. Apesar do risco mínimo, a entrevista pode vir a causar algum tipo de desconforto ou constrangimento por se tratar de questões relacionadas à sexualidade dos indivíduos. Para minimizar este risco as identidades dos voluntários não serão divulgadas a terceiros, e caso o sujeito não se sinta a vontade para continuar, este poderá encerrar sua participação na pesquisa a qualquer momento.

VI – BENEFÍCIOS

A pesquisa contribuirá com a geração de novos conhecimentos para a área da pesquisa relacionada às temáticas de sexualidade, gênero e questões sociais, atreladas ao ambiente da dança.

VII – CRITÉRIOS PARA SUSPENDER OU ENCERRAR A PESQUISA

A pesquisa será suspensa ou encerrada a qualquer momento em que o voluntário não se sentir confortável para continuar ou caso ocorra algum problema quanto a autorização da pesquisa.

VIII - CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, consinto em participar do presente Projeto de Pesquisa.

Lavras, _____ de _____ de 20____.

Nome (legível) / RG

Assinatura

ATENÇÃO! Por sua participação, você: não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira; será ressarcido de despesas que eventualmente ocorrerem; será indenizado em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa; e terá o direito de desistir a qualquer momento, retirando o consentimento sem nenhuma penalidade e sem perder quaisquer benefícios. Em caso de dúvida quanto aos seus direitos, escreva para o Comitê de Ética em Pesquisa em seres humanos da UFLA. Endereço – Campus Universitário da UFLA, Pró-reitoria de pesquisa, COEP, caixa postal 3037. Telefone: 3829-5182.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada com o pesquisador responsável e a outra será fornecida a você.

No caso de qualquer emergência entrar em contato com o pesquisador responsável no Departamento de Educação Física da UFLA. Telefones de contato: (35)991460439.

APÊNDICE 2

Roteiro de entrevista semiestruturada

Anamnese

Idade:

Quanto tempo fez aulas de dança?

Há quanto tempo você parou de participar do grupo?

Qual a modalidade você participou?

Roteiro de entrevista

1. Quais sentimentos os ambientes das aulas de dança te proporcionam ou proporcionaram?
2. Em relação a sua liberdade de expressão, o ambiente da dança é mais favorável que os demais?
3. Você já passou por alguma situação de preconceito em relação a sua sexualidade e sua identidade de gênero no ambiente das aulas de dança?
4. Você percebe de alguma maneira que a forma como você se comporta no ambiente da dança difere da forma como você se comporta no ambiente externo a ele? (modo de falar, agir, se expressar, sua personalidade).
5. Você sente que deve seguir algum modelo de masculinidade dentro do ambiente das aulas de dança?
6. Você acredita que a prática da dança influenciou de alguma forma na sua socialização fora do ambiente da dança?
7. Você percebe que a dança influenciou ou influenciou de alguma forma sua sexualidade?